

ções particulares no Brasil, dariam depois origem às Paulistinhas, Figurado claramente inspirado em termos formais e estéticos no de Estremoz. Mas este assunto, ainda está numa fase embrionária em termos de exploração, pelo que mais tarde serão apresentadas conclusões mais sólidas pelo investigador Magella Borbagatto e também por nós.

No século XX temos as primeiras informações sólidas por intermédio de Sebastião Pessanha, quando este descreve no trabalho de 1916 realizado sobre Gertrudes Rosa Marques, que a produção era encaminhada para o depósito da Olaria Alfacinha¹⁰⁷.

Luís Chaves, em 1933, descreve também os pontos de escoamento habituais daquela barrista:

*Depois desta operação derradeira, estava a bonecagem pronta para entrar no mercado em feiras, depósitos e lojas, ou para ser enviada a quem fêz a encomenda.*¹⁰⁸

As feiras são também realçadas como fonte de escoamento da produção bonequeira por Celestino David em 1943:

Os bonecos de Estremoz eram muito procurados nas feiras e era para essa ocasião que se activava a sua factura, no tempo em que o celulóide, o cartão e a lata não lhe faziam a vantajosa con-

*corrência de atraente perfeição, que deslocara a atracção encarniçada que as crianças tinham para a variedade de côres vivas com que os de barro eram pintados. Veio assim nas feiras a decadência, hoje ausência, da bonecagem de Estremoz – de trapos ou de barro.*¹⁰⁹

Ainda sobre as vendas é importante referir que a partir de Mariano da Conceição, devido ao sucesso da *Exposição do Mundo Português* na divulgação do ressurgimento do Figurado de Estremoz, as Feiras voltam a ganhar um papel muito importante nas vendas e na promoção dos barristas. Como já se verificou, a afirmação dos barristas como José Moreira e Liberdade da Conceição, fizeram-se em grande medida nas Feiras e Mercados onde o artesanato popular era uma das artes expostas em destaque. José Moreira tornou-se famoso no Mercado do Povo em Lisboa, local onde se celebrou também a barcelense Rosa Ramalho. Liberdade da Conceição foi, por sua vez, a grande divulgadora do Figurado na Feira de Santarém.

A Olaria Alfacinha, como atrás referimos, já funcionava como ponto de escoamento da produção de Gertrudes Rosa Marques, mantendo a mesma disponibilidade para Mariano da Conceição (década de 40 e 50) e depois de Sabina Santos (até finais dos anos 70).

107 PESSANHA 1916, pp. 106.

108 CHAVES 1933, pp. 189.

109 DAVID 1943, pp. 15.

Até finais de 60 do séc. XX, para além das feiras e oficinas dos barristas, os Bonecos eram comercializados em Estremoz nos seguintes locais: Loja de Artigos Regionais da Olaria Alfacinha (Largo da República, 30), Papelaria Ruivo (Largo da República, 24), Lojas de Artesanato de Rafael dos Santos Grades (Rua Victor Cordon, 27 e 30) e Papelaria A Tabaqueira de Alves & Simões, Lda (Rossio Marquês Pombal 11 e 12)¹¹⁰.

Hoje as barristas vendem o essencial da sua produção diretamente nas suas oficinas. Têm também Bonecos à consignação em lojas especializadas em artesanato tradicional em cidades como Lisboa ou Évora.

Efetuem também vendas nas principais Feiras de Artesanato, sendo que as principais onde vão são as de Estremoz, Vila do Conde¹¹¹ e Feira Internacional de Artesanato (Lisboa).

Quanto às Figuras atualmente mais vendidas pelos barristas, segundo informação dos próprios, estas são o *Amor é Cego*, a *Primavera*, *Nossa Senhora da Conceição*, *Santo António* e o *Presépio* (nas suas várias tipologias). Ou seja, são estes os Bonecos que os clientes consideram mais representativos, e apelativos, da tradição de Estremoz.

Em termos de periodicidade, a produção realiza-se com regularidade ao longo de todo o ano, intensificando-se no período anterior ao Natal, época em que se verifica maior procura por parte do mercado.

¹¹⁰ MATOS 2013, sp.

¹¹¹ Nesta houve um interregno de participação nos últimos anos.

DOS BARRISTAS DO PASSADO E DO PRESENTE

OS BARRISTAS DO PASSADO

Breves biografias dos produtores já falecidos, ou que já não estão em atividade:

Aclénia Pereira de Noronha (1927-2012): Nasceu em Estremoz e faleceu nas Caldas da Rainha. Como profissão principal teve a de Professora do ensino Primário. Dominava porém a técnica de diversas produções artesanais e também modelou Figuras de Estremoz. Aprendeu a arte bonequeira na Escola de Artes e Ofícios de Estremoz com Mestre Mariano da Conceição, entre 1940 e 43.

Teve oficina na Avenida Dr. Marques Crespo, n.º 23, em Estremoz, enquanto solteira. Depois trabalhou em Santarém, para onde foi morar em 1960, após casamento.

Trabalhou até à década de 80 do século XX. Participou nas primeiras Feiras de Artesanato em Estremoz (a partir de 1983)¹¹².

Ana das Peles (1870-1945): A barrista Ana Rita da Silva, de alcunha Ti Ana das Peles, foi uma das artesãs mais relevantes do século XX, no que concer-

ne ao ressurgir do Figurado de Estremoz¹¹³. Foi devido à persistência do incansável escultor gaiense José Maria Sá Lemos, na época diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves, que a velhinha bonequeira¹¹⁴ aceitou, apesar de nunca ter modelado um Boneco somente assobios, a difícil missão de resgatar a tradição que se extinguiu anos antes com o falecimento de Gertrudes Rosa Marques. Consegui-o fazendo valer a mestria técnica que já possuía, devido a longos anos a mexer no barro. Mas consegui-o também, porque copiava exemplares antigos de Bonecos que Sá Lemos ia pedindo a colecionadores¹¹⁵, os quais usava

113 Em 1931, o então diretor da Escola Industrial Augusto Gonçalves, Luiz Fernandes, lamentava-se que a tradição dos Bonecos já se havia perdido – FERNANDES, Luis, 1931, “A Vida Eterna das Causa Tradição e Arte II”, in *Brados do Alentejo*, n.º 18, Estremoz, 31/5/1931, pp. 1.

114 Vide Celestino David- “A Plasticização do Barro de Estremoz”, in *Brados do Alentejo*, n.º 628, Estremoz, 31/1/1943, pp. 15. DAVID 1945, pp. 1. MARTINS, Constantino, *A Ana das Peles e os Bonecos de Estremoz*, in “Brados do Alentejo”, n.º 315, Estremoz, 31/1/1937, pp. 5.

115 O Prof. Hernâni Matos, ilustre colecionador e estudioso do Figurado de Estremoz, tem na sua posse uma carta de José Maria Sá Lemos, de 6 de Maio de 1935, em papel timbrado da Escola Industrial António Augusto Gonçalves, na qual este se dirige ao coronel João de Avelar Pinto Tavares, que foi comandante do RC3, nos seguintes termos: *Necessitando tentar a confecção de alguns dos característicos e tão interessantes bonecos de Estremoz, recorro a aproveitar a gentilíssima oferta de V.ª Ex.ª de cedência por empréstimo de dias, de um ou dois modelos. Agradecendo desde já a atenção de V.ª Ex.ª, confesso-me com subida consideração e respeito.*

112 Para mais dados, ver: Hernâni Matos, “Aclénia Pereira Bonequeira de Estremoz”, *Blogue Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 06 de Novembro de 2012, consultado no dia 02 de Outubro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrase-nhora.blogspot.pt>.



António Lino de Sousa, década de 60-70 (?) do século XX.

para recuperar temáticas e técnicas. Trabalhou na oficina da Escola Industrial até aos anos 40 do século XX.

António Lino de Sousa (1918-1983): Natural de Redondo, onde nasceu a 04 de Junho de 1918. Aos 12 anos começou a trabalhar na reputada Olaria Alfacinha de Estremoz, onde chegou a ser rodista. Aí aprendeu a arte bonequeira com Mestre Mariano da Conceição.

Por motivos de saúde sai da Olaria e passa a dedicar-se em exclusivo à produção de Figurado de Estremoz, tendo o auxílio na preparação do barro, enformamento e na pintura de sua esposa Quirina Marmelo. Oficina na Rua do Arco de Santarém n.º 4, no Castelo de Estremoz.

Faleceu em Estremoz no ano de 1983.

Esta carta reforça a conclusão que no ano de 1935, Sá Lemos trabalhava ativamente para a recuperação da tradição bonequeira em Estremoz, usando de todos os meios ao seu dispor. O Prof. Hernâni Matos encontrou a presente carta dentro dum peça de barro vermelho de Estremoz, que conjuntamente com outras da mesma espécie e brinquedos de louça pintados do séc. XVIII, integrava um lote que o colecionador comprou a uma herdeira do coronel João de Avelar Pinto Tavares. In Hernâni Matos, "Nova marca de olaria de Estremoz", *Blogue Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 21 de Fevereiro de 2013, consultado no dia 02 de Outubro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>. <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt/2013/02/nova-marca-de-olaria-de-estremoz.html>



Armando Alves, década de 40 do século XX.

Armando Alves (1935): Nasceu em Estremoz em 1935. Como aluno, frequentou a Escola Industrial e Comercial de Estremoz entre 1949 e 1952. Aí teve aulas de Olaria com o afamado oleiro e bonequeiro Mestre Mariano da Conceição. Entre 1951 e 1952 modela as primeiras figuras. Segundo o Prof. Hernâni Matos¹¹⁶ não terá produzido mais de 50 Figuras, as quais vendia na Papelaria Ruivo, Estremoz. Atualmente não produz. É hoje um dos artistas plásticos e designers gráficos mais conceituados do país.

Carlos Alberto Alves (1958): Nasceu em Estremoz, no ano de 1958. Como artesão, é autodidata e iniciou em 2010/2011 o seu trabalho com o auxílio do colecionador Prof. Hernâni Matos. Teve oficina, onde trabalhava a meio tempo, em Mafra, Largo da Ermida n.º 7, Cheleiros, Mafra. Hoje não produz. É um designer gráfico reputado.

Família Estopa e Marques: Os primeiros produtores conhecidos pelo seu sobrenome são duas famílias de barristas que trabalharam entre finais do século XIX e a primeira década do século XX. Referimo-

¹¹⁶ Hernâni Matos, "14 – Armando, bonequeiro de Estremoz", *Blogue Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 10 de Dezembro de 2014, consultado no dia 01 de Fevereiro de 2018. URL: <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>.



Irmãos Ginja, início da década de 80 do século XX, fotografia de Joaquim Vermelho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

-nos às famílias Estopa e Marques¹¹⁷. Destas famílias conhecemos Gertrudes Rosa Marques (1840¹¹⁸-1921) e Mariana Estopa¹¹⁹, as últimas representantes de várias gerações de bonequeiras. Gertrudes Rosa Marques terá aprendido com Cláudio, seu marido¹²⁰. Estas são as herdeiras das antigas oficinas de Figuras, que dominaram o trabalho em barro em Estremoz nos séculos XVIII e XIX.

Francisca Vieira de Barros (?-1959): Autodidata. O Figurado é inspirado nas tradições e usos regionais representadas no Boneco de Estremoz, afastando-se da estética da produção de Estremoz. Faleceu em 1959.

Irmãos Ginja: A oficina dos "Irmãos Ginja" era formada por Arlindo Ginja (1938-2018) e Afonso Ginja (1949), irmãos naturais de Estremoz. No final dos anos 60 do século XX, na Olaria Regional, juntamente com Mário Lagartinho, Arlindo (então funcionário desta Olaria)

deu os primeiros passos na arte dos Bonecos de Estremoz, ainda sem o contributo do irmão Afonso que na época trabalhava na indústria dos mármore.

O Prof. Joaquim José Vermelho nos anos 70, sendo então diretor do Museu e Biblioteca Municipal de Estremoz, notou a disponibilidade de Afonso para iniciar um trabalho ao nível dos Bonecos de Estremoz. Apesar das reticências iniciais de Arlindo, ambos quiseram abraçar a oportunidade oferecida. Nasceram assim os "Irmãos Ginja".

Entretanto o Prof. Joaquim Vermelho conseguiu que os autorizassem a trabalharem num espaço improvisado sito na Biblioteca Municipal. Afonso trabalhava principalmente na modelação e Arlindo na pintura e acabamento em verniz. A 3 de Março de 1978 foram contratados pelo Serviço Nacional de Parques (SNP), ficando assim funcionários do quadro do Estado. No dia 20 de Dezembro de 1979 foi inaugurada a sua oficina no quintal do Museu Municipal de Estremoz, num projeto suportado pelo SNP. Aqui efetuavam demonstrações técnicas aos visitantes do Museu, com fins didácticos, ao nível da barrística de Estremoz.

Desenvolveram o seu trabalho nesta oficina até à sua reforma em 2011. Afonso continua a trabalhar, agora em espaço próprio.

Isabel Carona Bento: A barrista estremocense Isabel Carona Bento, aprendeu a arte com Mestre

¹¹⁷ DAVID 1943, pp. 15. CHAVES 1925, pp. 89.

¹¹⁸ Dado de Prof. Hernâni Matos.

¹¹⁹ QUEIRÓS, José, 1948, *Cerâmica portuguesa*, Lisboa, sn, 2ª edição, 1vol., pp. 314. Esta última também conhecida pela alcunha de Fachas. Segundo Celestino David, desta família Estopa trabalhavam a Ludovina, Mariana e Brites – DAVID 1943, pp. 15. Joaquim Vermelho refere somente Mariana Estopa - VERMELHO, Joaquim, 1990, *Barros de Estremoz*, Porto, Limiar, pp. 71.

¹²⁰ CHAVES 1925, pp. 89. DAVID 1943, pp. 15. VERMELHO 1990, pp. 71.



José Fortio, década de 80 do século XX, fotografia de Joaquim Vermelho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.



José Moreira, década de 80 do século XX. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

Sabina Santos, nos anos 60, sendo a primeira das suas aprendizes em companhia de Fátima Estroia. Entre 1974/75, vivendo em Sarilhos Grandes, Montijo, começa uma carreira como artesã. Não conseguimos identificar a localização precisa da oficina onde desenvolveu a sua produção.

João Manuel Fortio (1951): Nasceu em Estremoz em 1951. Sempre gostou de cerâmica e da arte popular. Isso conduziu na segunda metade dos anos 70 a experimentar de forma autodidata a modelação do Figurado de Estremoz, com o apoio do Prof. Joaquim Vermelho. Gostava muito de criar e reinventar os modelos e a estética, vendendo na Feira de Artesanato de Estremoz, e num espaço que tinha no Castelo de Estremoz, o qual fazia de oficina. Depois mudou-se para a Mata.

Produziu cerca de 10 anos. Depois apostou nos pratos de Redondo e também na faiança de Estremoz (inovando sempre).

José Moreira (1926-1991): Nasceu em Estremoz, no ano de 1926. Da pobreza extrema¹²¹ o retirou

¹²¹ Depois da morte da mãe, Felicidade Moreira, sem ter para onde ir foi morar para um buraco na muralha, daí a alcunha de “Zé do Telhado”.

Ti Ana da Peles, que lhe terá dado abrigo¹²². Terá sido esta bonequeira quem lhe ensinou a arte¹²³. Segundo Joaquim Vermelho¹²⁴, aos 11 anos já José Moreira trabalhava na Olaria de Cassiano, na Rua do Nine 12 (Bairro de Santiago, Estremoz), onde esteve até aos 18 anos como aprendiz. Passou depois à Olaria Alfacinha, onde trabalhou com os alfacinhas e o oleiro José Ourelo cerca de 8 anos. Entretanto foi desenvolvendo a sua técnica na área do Boneco de Estremoz e abriu espaço próprio de trabalho, com forno, no quintal da sua casa na Rua do Afã. A sua esposa Josefina Moreira colaborava com ele na modelação (quando as encomendas eram muitas, ou tinha de aumentar a produção em virtude da presença em alguma feira), e principalmente na pintura. Deixou definitivamente a olaria.

Conquistou vários prémios, entre taças e medalhas. Faleceu em 1991, não deixando aprendizes.

Liberdade da Conceição (1913-1990): Nasceu em Estremoz no ano de 1913. Desde cedo acompanhou a produção de Figurado do seu marido Mestre Mariano da Conceição, pintando os bonecos

¹²² Informação prestada por sua esposa, Josefina Moreira.

¹²³ Quer Joaquim Vermelho (VERMELHO, 1990, pp. 33.), quer Maria Luísa da Conceição contrariam esta afirmação, colocando como espaço de aprendizagem a Olaria Alfacinha.

¹²⁴ VERMELHO, 1990, pp. 33.



Liberdade da Conceição, década de 80 do século XX, fotografia de Joaquim Vermelho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

porque era tarefa que este não gostava (na exposição do Mundo Português de 1940 é ela que aparece nas fotografias com os bonecos). Mestre Mariano acabava as figuras aplicando o verniz. O esposo morre em 1959 e esta deixa a produção bonequeira. Em 1962 decide voltar aos Bonecos, cuja modelação e pintura tão bem conhecia apesar de lhe nutrir pouco afeto¹²⁵.

A Liberdade se deve, não esquecendo também o papel de José Moreira, a grande divulgação do Boneco de Estremoz através da presença contínua em Feiras de Artesanato pelo país fora. A partir dos anos 80, começa a trabalhar em parceria com a filha Maria Luísa da Conceição, na cozinha de sua casa na Rua Brito Capêlo (no mesmo imóvel onde Sabina da Conceição Santos, sua cunhada, tinha oficina). Trabalhou até falecer a 22 de Agosto de 1990.

Mariano Augusto da Conceição (1902-1959): Nasceu em Estremoz, em 1902. Neto de Caetano Augusto da Conceição, fundador da Olaria Alfacinha, e filho de Narciso Augusto da Conceição, que orientou a oficina até cerca de 1933. Após a morte do pai passou a dirigir a oficina de Olaria onde trabalhou até 1940 como oleiro.

125 [VERMELHO, Joaquim], Folheto *Barristas de Estremoz Mariano da Conceição sua mulher e filha*. Estremoz: BME/CME, Setembro 1981.



Mariano da Conceição, década de 40 do século XX, fotografia de Rogério de Carvalho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

No fim da década de 20 é convidado para orientar o Curso de Olaria da recentemente criada *Escola de Artes e Ofícios*.

Aceita depois o desafio do gaiense José Maria Sá Lemos, na época diretor da referida Escola, para ajudar no ressurgimento da tradição bonequeira. Para tal, aproveitou os ensinamentos das técnicas centenárias de uma velhinha bonequeira, Ana das Peles¹²⁶.

Sá Lemos vai então estimulando Mariano da Conceição a avançar numa experiência como barista. Mestre Mariano aceitou e demonstrou uma capacidade inata para esta arte. É ainda em vida de Ana das Peles que se inicia como bonequeiro. Em 1940 dedica-se já a tempo inteiro aos bonecos, para além de continuar na Escola como Mestre da disciplina de Olaria. Modelava na própria Escola, não tendo oficina própria.

No auge do seu trabalho desaparece vítima de um acidente, contando somente com 57 anos.

Maria José Cartaxo: Esposa do oleiro Caetano da Conceição (Olaria Alfacinha). Aprendeu por observação do trabalho de Mariano da Conceição e de Sabina da Conceição Santos, com a qual teve sociedade, juntamente com Teresa Cid da Conceição nos primeiros anos da década de 60 do século passado. A oficina situava-se na Rua da Campaínha. Montou

126 DAVID 1943, pp. 15. DAVID 1945, pp. 1.



Maria Luísa da Conceição, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.

ainda nessa década oficina própria na Rua Pedro Afonso (no mesmo imóvel onde havia uma armazém da Olaria Alfacinha), onde trabalhou alguns anos. Chegou a ter como aprendiz nessa oficina Fátima Estroia. Foi depois para espaço que desconhecemos¹²⁷.

Maria Luísa da Conceição (1934-2015): Maria Luísa da Conceição nasceu em Estremoz, no ano de 1934. Maria Luísa sempre assistiu a todas as tarefas associadas à modelação dos bonecos, e foi através da observação que aprendeu como se preparava, modelava e cozia o barro, pois o pai (Mestre Mariano da Conceição) e a mãe (Liberdade Banha da Conceição) apenas a ensinaram a pintar. Aos 6 anos ajudou pela primeira vez a mãe a pintar, quando aquela preparava a participação na Exposição do Mundo Português de 1940. Após a morte do pai em 1959, Liberdade da Conceição não pretendeu dar continuidade à arte, o que só fez uns anos depois. Enquanto a mãe modelava, Maria Luísa pintava. Um dia, aproveitando uma ausência da mãe, Maria Luísa aventura-se pela primeira vez na confeção de um boneco. A partir daqui começa a modelar, fazendo ela os bonecos mais simples e a mãe os que requeriam mais pormenores. Com a morte da mãe em 1990, deci-

¹²⁷ Informações prestadas por José Cartaxo, sobrinho desta barrista.



Mário Lagartinho, 2004, fotografia de Estúdios Correia.

diu continuar a arte, tendo sempre que possível a ajuda de seu marido na pintura.

Em finais da década de 80, após a tia, Mestre Sabina, se reformar, Maria Luísa instala-se na oficina desta, sita na Rua Brito Capêlo. Faleceu em Coimbra a 7 de Junho de 2015.

Mário Lagartinho (1935-2016): Natural de Estremoz, onde nasceu em 1935. Proprietário e Mestre oleiro na Olaria Regional. É com Mestre Ourelo, que era seu primo, que Mário Lagartinho dá os primeiros passos na arte oleira, contando apenas com doze anos de idade.

Antes do falecimento do antigo proprietário da Olaria Regional, já partilhava as principais responsabilidades da oficina.

Mário Lagartinho produziu bonecos ao modo de Estremoz, os quais aprendeu por simples observação dos modelos que lhe emprestavam para que copiasse. A sua produção vai de finais dos anos 60 aos anos 80.

Faleceu em Estremoz a 4 de setembro de 2016.

Matias Pépé: Pouco se sabe deste curioso da barística. Sabemos que era funcionário na Escola de Artes e Ofícios e que nos seus tempos livres ia produzindo algumas figuras¹²⁸.

¹²⁸ VERMELHO 1990, pp. 33.



Quirina Marmelo, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.

Quirina Augusta Marmelo (1922-2009): Nasceu em 1922 em São Lourenço de Mamporcão, concelho de Estremoz. Começou a trabalhar individualmente a partir de 1982 após morte do marido, António Lino de Sousa, com o qual aprendeu a arte enquanto o auxiliava na produção. Conhecemos-lhe apenas uma marca manuscrita de autor, onde utiliza somente o seu nome próprio: “Quirina”¹²⁹.

Teve oficina na Rua do Arco de Santarém n.º 4, no espaço que atualmente é usada a espaços pelo bisneto Duarte Catela. Faleceu em Estremoz em 2009.

Sabina da Conceição Santos (1921-2005): nasceu em Estremoz no ano de 1921, no seio da família Alfacinha, família de longa tradição cerâmica. Seu avô, Caetano da Conceição, foi o fundador da Olaria Alfacinha.

Sabina Santos era decoradora de peças de olaria. Começou apenas a produzir Figurado de Estremoz após a morte do irmão Mariano da Conceição em 1959, montando oficina na Rua da Campaíinha logo em 1960 com as cunhadas Maria José Cartaxo e Teresa Cid da Conceição. Com a morte prematura desta última, abandona a sociedade e abre oficina própria.

¹²⁹ Anexo II, marca n.º 38.



Sabina da Conceição Santos com Perpétua e Maria Inácia (futuras Irmãs Flores), década de 80 do século XX.

Trabalhou 29 anos numa oficina na Rua Brito Capêlo, onde mais tarde Maria Luísa da Conceição, sua sobrinha, montou o seu espaço de trabalho. Por ali passaram várias aprendizes. Algumas aproveitaram a relação mestra-aprendiz e depois abriram espaços próprios, como Isabel Bento, Fátima Estroia ou as Irmãs Flores.

Faleceu a 19 de Abril de 2005.

Teresa Cid da Conceição: Esposa do oleiro Duque da Conceição (Olaria Alfacinha). Auxiliava na pintura Sabina da Conceição Santos, com a qual teve sociedade, juntamente com Maria José Cartaxo nos primeiros anos da década de 60 do século passado. Oficina na Rua da Campaíinha. Morreu dois a três anos depois, o que levou à dissolução da sociedade entre as três cunhadas.

OS BARRISTAS DO PRESENTE

Breves biografias dos produtores em atividade:

Afonso Ginja (1949): Afonso Ginja é natural de Estremoz, onde nasceu em 23 de Dezembro de 1949. Foi através de seu irmão Arlindo, e com o auxílio do Prof. Joaquim Vermelho, que conheceu a arte bonequeira.

Após a aposentação em 2011, Afonso decidiu trabalhar com o auxílio de sua esposa Matilde, que hoje assumiu a tarefa de pintar a produção do marido. Tem atualmente oficina na Rua Direita, no Bairro de Santiago (Estremoz).

Duarte Catela (1988): Nasceu em Évora em 1988. Viveu em Estremoz até iniciar o seu percurso como estudante na área da Cozinha. Com a bisavó Quirina Marmelo, aprendeu os rudimentos da modelação, primeiro através da observação que fazia do trabalho daquela durante os dias em que estava ao seu cuidado, depois por ter uma vontade muito forte em dar continuidade à tradição. Começou a trabalhar na década de 10 do atual século. Tem a oficina no antigo espaço ocupado pela bisavó, na Rua do Arco de Santarém. Hoje trabalha pouco, dado que tem por profissão principal a de Cozinheiro.

Fátima Estroia (1948): Nasceu em Estremoz a 14 de Maio de 1948. Começou logo aos 13 anos a ajudar



Afonso Ginja, 2016, fotografia de GAP.

na oficina que Maria José Cartaxo, Teresa Cid da Conceição e Sabina Santos tinham montado na Rua da Campainha. Após a morte de Teresa, foi trabalhar com Maria José Cartaxo ainda nos anos 60, para depois se juntar à sua madrinha, a Mestra Sabina Santos, onde aprendeu tudo o que sabe. Entretanto interrompe a atividade nos anos 70 por motivos pessoais, retomando-a uma década mais tarde.

Mais tarde voltou a trabalhar, já por conta própria, tendo em 1990 encontrado finalmente um espaço digno na Rua Narciso Ribeiro, onde instalou a oficina e loja de vendas, situação que mantém até hoje.

Irmãs Flores: As barristas Irmãs Flores são as irmãs Maria Inácia Fonseca, que nasceu em São Bento do Ameixial no ano de 1957 e Perpétua Fonseca, que nasceu na mesma aldeia um ano depois. Tomaram contato com os Bonecos de Estremoz em Novembro de 1972, com a Mestre artesã Sabina Santos em cuja oficina, sita na Rua Brito Capelo, entraram como colaboradoras para pintar as peças realizadas por esta. Aqui ganharam gosto pela arte bonequeira, e aprenderam os fundamentos basilares de modelação, cozedura e pintura, os quais ainda hoje seguem. Montaram oficina própria entre 1987/88. Mudaram-se da sua antiga oficina sita na Rua das Meiras em 1999, para o Largo da República (zona onde já vão na segunda oficina-loja), dispondo aí de um espaço comercial e oficina.



Duarte Catela na sua oficina ao Arco de Santarém, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.



Fátima Estroia, 2018.



Ricardo Fonseca, 2018.

Ricardo Fonseca (1986): Nasceu em Estremoz em 1986. Iniciou-se no figurado ainda durante a infância, frequentando regularmente a oficina de barrística de Estremoz de suas tias, as Irmãs Flores, durante o período de férias escolares.

Atualmente modela assiduamente, trabalhando em Bonecos que vão do figurado cerâmico mais contemporâneo, aquele de raiz mais local como os Bonecos de Estremoz. Permanece ligado à oficina das tias, sita no Largo da República, onde trabalha a meio tempo, umas vezes em parceria com estas, outras em projetos próprios.

Outros:

A trabalhar dentro da tradição da modelação, mas com um espírito mais contemporâneo em termos da estética, temos Célia Freitas/Miguel Gomes, bem como Isabel Pires ou Jorge da Conceição.

Célia Freitas (1966) e Miguel Gomes (1957): Célia Freitas nasceu em Estremoz no ano de 1966 e Miguel Gomes em Rio de Moinhos (concelho de Borba) em 1957. Ambos, desde muito cedo, sentiram uma proximidade especial com o artesanato. Miguel Gomes tinha seu pai, Manuel António Capelins, a fazer artesanato em madeira

e sobre cabaça, pelo que desde sempre esteve em contacto com a arte popular. Quanto a Célia Freitas, só depois de casar se iniciou na arte. Nos anos 80 do século XX surgiu o interesse pelos barros, e o casal começou um trajeto que os levou a especializarem-se nos Bonecos de barro. Através de um processo autodidata, mas também por intermédio de algumas conversas com o Mestre José Moreira, da observação de como se faziam Bonecos e como era todo o processo até à cozedura, ambos aprenderam a arte e os seus segredos, trabalhando hoje segundo um modelo muito próprio. Residiram em Elvas muitos anos, onde tiveram um espaço de oficina em casa. Atualmente vivem em Monte Gordo, Algarve.

Isabel Catarrilhas Pires (1955): É natural de Vila Boim, concelho de Elvas, onde nasceu a 22 de Dezembro de 1955. Há mais de 30 anos que está radicada em Estremoz. Aprendeu a arte bonequeira em finais dos anos 80, início dos 90, de forma autodidacta, mas também com o precioso auxílio de Quirina Marmelo. A sua evolução tem sido evidente, sendo a união das temáticas rurais e religiosas uma especialidade que a distingue. Tem o seu espaço de trabalho ligado ao local onde reside, no Bairro da Salsinha, Lote 37.



Perpétua Sousa, 2018.



Maria Inácia Fonseca, 2018.



Jorge da Conceição, 2016.

Jorge da Conceição (1963): Jorge Manuel da Conceição Palmela nasceu em Estremoz a 24 de Outubro de 1963. Licenciou-se em engenharia Electrotécnico pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, mas desde muito cedo manifestou paixão e interesse pela barrística local, certamente por influência da avó Liberdade e da tia Sabina Santos as quais passava horas a ver trabalhar. Em finais de 2012, depois de se reformar, reinicia aos poucos a modelação de Bonecos de Estremoz, dentro de uma estética muito própria. Fez em Janeiro de 2013 uma exposição no Museu de Estremoz, para marcar o reinício de atividade. Tem oficina em Lisboa, no Largo do Andaluz.



Isabel Catarilhas Pires, 2018.



Miguel Gomes, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.



Célia Freitas, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.

MARCAS DE AUTOR NO FIGURADO DE ESTREMOZ

A autoria no Figurado de Estremoz

A produção de Figuras de Estremoz é essencialmente uma arte de oficinas anónimas, sendo poucos os barristas que conhecemos até ao século XX. Assim, em 1779 podemos identificar dois prováveis barristas: Joze Lobo da Cozta e Jose Lopes¹³⁰. No princípio do XX são descritas pela bibliografia da época, as barristas Mariana Estopa¹³¹ e Gertrudes Rosa Marques¹³².

A irrelevância da autoria no Figurado de Estremoz, é demonstrada por não haver qualquer Boneco marcado neste período histórico. Entendemos que a questão da autoria seria irrelevante à época, quer para o comprador, quer para o produtor (oficina), o qual não reconhecia no seu trabalho uma relevância artística tal que merecesse uma marca própria que o distinguisse. Podemos apontar algumas razões para este facto:

- A produção era realizada em contexto oficial, por Mestre, colaboradores e aprendizes, o qual certamente recorreria a préstimos de pintores de

talhas e esculturas em madeira (quando as Figuras eram mais trabalhadas e associadas à Imaginária) e inclusivamente a oleiros (para *Cantarinhas* e *Pu-carinhos enfeitados* e até saias rodadas de *Senhoras*). Dado isto, haveria uma oficina e não apenas um autor que pudesse assumir por inteiro a autoria de uma Figura;

- Os barristas não trabalhavam em ofício reconhecido como tal, não constando por isso no Livro das Taxas dos Ofícios, pelo que a valorização profissional de trabalho de autor/oficinas não era relevante;
- A indústria turística era inexistente, havendo viajantes ilustrados ocasionalmente e que, curiosamente, nunca referem a existência de Figuras nos seus diários de viagens;
- Possuir uma peça de um determinado autor/oficina, para completar uma coleção, era uma situação que não se fazia sentir junto dos produtores. Colecionar um Boneco era ainda uma questão nova até finais do século XIX, dado que a arte popular, apesar de ser já objeto de intervenção, coleção e estudo no final desse século com Joaquim de Vasconcelos, e durante a I República com Vergílio Correia, Luís Chaves, Leite de Vasconcelos¹³³

130 Livro de Registo de Passaportes, 17 de Junho de 1774 a 23 de Janeiro de 1805, fólio 99 e 116v.

131 QUEIRÓS, José, 1948, *Cerâmica portuguesa*, Lisboa, sn, 2ª edição, 1vol, pp. 314. DAVID 1943, pp. 15. VERMELHO 1990, pp. 71.

132 CHAVES 1925, pp. 89. DAVID 1943, pp. 15. VERMELHO 1990, pp. 71. Tinha sido ensinada pelo seu marido Cláudio.

133 João Leal, "Da arte popular às culturas populares híbridas", *Etnográfica* [Online], vol. 13 (2) | 2009, posto online no dia 17 Janeiro 2012, consultado no dia 05 Janeiro 2014. URL : <http://etnografica.revues.org/1318> ; DOI : 10.4000/etnografica.1318



Autor desconhecido:
EXIREMOZ/PORTUGAL
(ladeado por dois hexafólios).



Autor desconhecido:
Dois hexafólios.



Ana das Peles: A./P.



Mariano da Conceição: MADE IN
PORTUGAL.



Autor desconhecido:
EXIREMOZ (com quatro hexafólios
nos ângulos).



Autor desconhecido: EXIREMOZ
(ladeado por dois hexafólios).



Mariano da Conceição:
ESTREMOZ / PORTUGAL.



Mariano da Conceição:
ESTREMOZ.

ou Sebastião Pessanha, era ainda um terreno relativamente novo na cultura nacional e apenas alvo de atenção pelas elites intelectuais mais atentas ao fenómeno.

Nas primeiras décadas do século XX, surgem as primeiras marcas colocadas numa Figura: "EXIREMOZ" e "EXIREMOZ PORTUGAL" (por vezes associadas a hexafólios e outras vezes apenas marcada com este motivo fitomórfico). Como se verifica interessou somente à barrista utilizadora do carimbo, indicar a origem geográfica do Boneco produzido, relacionando-o com a longa tradição do Figurado modelado ao modo de Estremoz. Ou seja, fez-se prevalecer o conceito origem geográfica da produção sobre o de autor da produção. Tudo indica, pela comparação de Figuras, que estas marcas serão eventualmente de Ti Ana das Peles. Esta barrista usou ainda uma outra marca, que consistia nas suas iniciais riscadas na base de um Boneco - A.P. – o que corresponderá a Ana das Peles. Pela estética da Figura e estilo de modelação, cremos que a Figura é realmente desta barrista. Foi assim esta barrista a primeira a assinalar nas Figuras o nome de quem as modelava. Entretanto, em 1935 ressurgiu o Figurado de Estremoz, por mérito de José Maria Sá Lemos, diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves. Nesta Escola trabalha-

ram Ti Ana das Peles e Mariano da Conceição. Este último além de Mestre em Olaria na Escola, também tinha produção própria, numa oficina em que também participava na pintura sua esposa Liberdade Banha da Conceição. Todos os carimbos da oficina de Mariano não indicam a autoria, mas sim a origem geográfica da peça. Primeiramente usa um carimbo que indica a origem nacional da produção *Made in Portugal*, o qual foi especificamente realizado para a Exposição do Mundo Português em 1940, segundo testemunho de sua filha a barrista Maria Luísa da Conceição. Depois passa a usar outros, como o *Estremoz/Portugal*¹³⁴, com o qual marcará a maior parte da sua produção. Por último marca as Figuras com o carimbo *Estremoz*¹³⁵. Entretanto inicia atividade António Lino de Sousa (o Mouco), que foi ensinado por Mariano da Conceição na Olaria Alfacinha, entre os anos 40-50 do século XX. Este formou oficina juntamente com a esposa Quirina Marmelo. António Lino pouco marcava a sua produção, de tal modo que conhecemos somente uma marca de autor sua riscada num Boneco.

134 Persiste a dúvida se este carimbo não seria também usado por alunos da Escola Industrial.

135 Não conhecemos nenhuma peça com este carimbo, tendo nós somente o testemunho de Maria Luísa da Conceição em como aquele o utilizou.



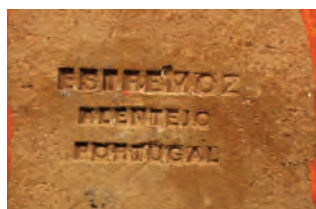
José Moreira: J.M. ESTREMOZ / ALENTEJO / PORTUGAL.



José Moreira: J.M. / ESTREMOZ / PORTUGAL.



José Moreira: ESTREMOZ / PORTUGAL.



José Moreira: ESTREMOZ / ALENTEJO / PORTUGAL.



António Lino de Sousa: A. Sousa.



Sabina da Conceição Santos: Olaria Alfacinha / Estremoz / Portugal.



José Moreira: FABRICANTE DE BONECOS / JOSE MOREIRA / RUA DO NINE 12 / ESTREMOZ / PORTUGAL.



Sabina da Conceição Santos: OLARIA ALFACINHA / ESTREMOZ / PORTUGAL.

Também neste período começa a trabalhar José Moreira (Zé do Telhado), o qual segundo testemunho da viúva, aprendeu com Ti Ana das Peles¹³⁶, mulher que o recolheu em casa após morte da mãe, quando ainda era menino. Ali viu fazer os bonecos e recebeu todo o saber-fazer da velha artesã. Este fez oficina em sua casa com Josefina sua esposa. Tem duas marcas de origem geográfica, tendo sido usadas umas vezes com as iniciais J.M. (José Moreira) e outras sem. Este foi o segundo barrista a identificar os Bonecos com as suas iniciais e o primeiro a utilizá-las em simultâneo com um carimbo. Tem também uma marca sui generis, onde apresenta a morada da oficina. A participação em feiras e o desejo de distinção dos outros barristas, terão sido as motivações para a marcação das suas Figuras. Também na década de 40 surge a trabalhar Aclénia Pereira, aluna de Mariano de Conceição¹³⁷ na Escola Industrial. Trabalhou sozinha até à década de 80 do século XX. Esta utilizou para além de um carimbo de origem geográfica - ESTREMOZ/PORTUGAL - um pseudónimo artístico - Tanagras - para indicar a au-

136 Maria Luísa da Conceição, por sua vez, disse-nos que José Moreira aprendeu com Mariano da Conceição na Olaria Alfacinha, onde trabalhou muitos anos.

137 Para mais dados, ver: Hernâni Matos, "Aclénia Pereira Bonequeira de Estremoz", Blogue *Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 06 de Novembro de 2012, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrase-nhora.blogspot.pt>.

toria das suas peças. O pseudónimo ou é riscado no verso da base da peça, ou colocado por carimbo. No princípio da década de 50, surgiu a modelar Figurado Armando Alves, que tinha aprendido a confeccionar com o Mestre Mariano na Escola Industrial e Comercial de Estremoz entre 1949 e 1952. Não terá produzido mais de 50 Figuras. Não produz desde então. Tinha como marca de autor, somente o seu primeiro nome: *Armando*. Entretanto com a morte de Mariano da Conceição em Setembro de 1959, no seio da família dos Alfacinhas a sua irmã Sabina da Conceição Santos e cunhadas, tomaram a iniciativa de dar continuidade à tradição logo em Novembro desse ano, abrindo uma oficina.

Numa primeira fase, segundo tudo indica, terão optado por continuar a usar o carimbo ESTREMOZ¹³⁸

138 Nos Bonecos de Estremoz legados por Joaquim Vermelho ao Museu Municipal em Setembro de 2002, há uma *Amazona* com o carimbo "ESTREMOZ" e escrito na base pela mão do doador a caneta, *Sabina Santos*. De fato, esta peça não possui qualquer característica dos bonecos de Mariano da Conceição, o primeiro utilizador desta marca segundo Maria Luísa da Conceição. Fazendo um paralelismo com as peças posteriores, marcadas pelo conhecido carimbo "OLARIA ALFACINHA/ESTREMOZ/PORTUGAL", as similitudes de modelação com a *Amazona* da coleção Joaquim Vermelho são evidentes, pelo que entendo que a *Amazona* e outras peças do acervo do Museu de Estremoz com este carimbo, serão da primeira fase de trabalho da Sabina, em que estava coadjuvada pelas cunhadas Teresa Cid da Conceição e Maria José Cartaxo. Maria Luísa da Conceição identificou logo a pintura destas peças, como sendo de Maria José Cartaxo.



Sabina da Conceição Santos:
OLARIA ALFACINHA / ESTREMOZ /
PORTUGAL / HAND MADE.



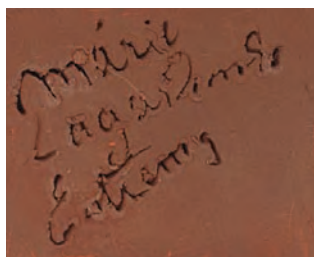
Estremoz / Sabina S.



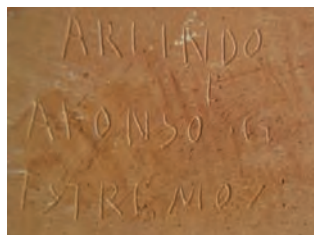
OLARIA ALFACINHA / ESTREMOZ /
PORTUGAL / HAND MADE /
Sabina Santos.



Estremoz / Portugal /
Sabina / Santos.



Mário / Lagartinho / Estremoz.



ARLINDO / E / AFONSO G. /
ESTREMOZ.



Liberdade da Conceição:
ESTREMOZ / PORTUGAL / L C.



Liberdade da Conceição:
ESTREMOZ / PORTUGAL /
Liberdade.

como Mariano fazia na fase final da sua vida, provavelmente no intuito de transmitir ao comprador que havia uma continuidade na produção e dentro da mesma família.

Desfazendo-se a sociedade em 1962/63 com Maria José Cartaxo e Teresa Cid da Conceição, decidiu Sabina mudar a marca, provavelmente para não haver confusão com a produção anterior. Assim optou por marcar as suas peças na primeira fase do seu trabalho, com um carimbo com a designação da Olaria que lhe vendia os Bonecos: OLARIA ALFACINHA/ESTREMOZ/PORTUGAL.

Anos mais tarde, em data que não conseguimos fixar na década de 70 do séc. XX, surge o carimbo: "OLARIA ALFACINHA/ESTREMOZ/PORTUGAL/HAND MADE". Este, na sua última fase de utilização, chega a surgir associado à marca manuscrita *Sabina Santos*.

Por 1980, segundo me informou a barrista Maria Inácia Fonseca da oficina *Irmãos Flores*, passou Sabina da Conceição Santos a colocar o seu nome nas Figuras, de modo a personalizá-las.

Deste período de marcação das peças, recolhemos dois tipos de assinaturas: *ESTREMOZ/Sabina S.* e *ESTREMOZ/PORTUGAL/Sabina Santos*. Não conseguimos, por agora, saber qual utilizou primeiramente e até 1988, data em que se reformou e deixou definitivamente de produzir. Provavelmente até as terá usado em simultâneo, consoante o espaço que tinha disponível na base do Boneco.

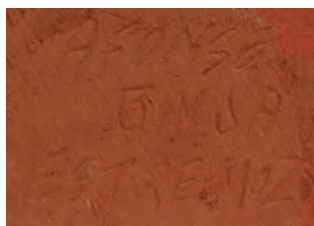
Por sua vez, a mulher de Mariano da Conceição, Liberdade Banha da Conceição, começou a trabalhar em 1962 por conta própria e sem ligação à Olaria Alfacinha. Trabalhava sozinha, só mais tarde se uniu a ela Maria Luísa da Conceição.

Era assídua nas Feiras e assim se tornou conhecida, assinando as suas peças, certamente para se diferenciar dos outros barristas que então trabalhavam por conta própria, como era José Moreira, António Lino de Sousa ou Sabina Santos.

Conhecemos como suas marcas os carimbos associados ao seu nome manuscrito: *ESTREMOZ/PORTUGAL/L C* e *ESTREMOZ/PORTUGAL/Liberdade*. Os Bonecos de Liberdade foram os primeiros no seio da família Alfacinha, a serem continuamente identificados não só por um carimbo¹³⁹ no verso da base, mas também pelas iniciais do nome e mais tarde pelo nome próprio.

Entretanto nos anos 70, o oleiro Mário Lagartinho (proprietário da Olaria Regional) decide envredar também pelos Bonecos de Estremoz, associando esta atividade à Olaria Regional. Tinha a colaborar consigo sua esposa Ana Lagartinho e num certo período Arlindo Ginja. Nunca usou carimbo para marcar a sua produção, limitando-se a riscar na base crua uma marca de autor com o seu

139 O carimbo *ESTREMOZ/PORTUGAL* era o mesmo que seu falecido marido utilizava.



Afonso / Ginja / Estremoz.



João Fortio: FORTIO / ESTREMOZ / PORTUGAL.



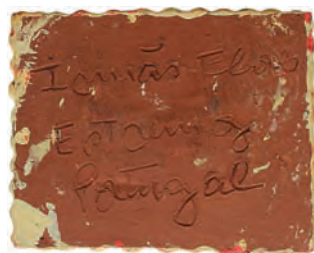
I. Flores / Estremoz.



I. Flores / Estremoz / 2012.



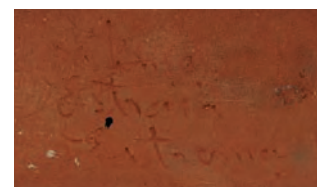
Maria / Inácia / Estremoz.



Irmãos Flores / Estremoz / Portugal.



Quirina.



Fátima / Estroia / Estremoz.

nome próprio e apelido, bem como a origem geográfica *Estremoz*.

Entre 1974/75, em Sarilhos Grandes, Montijo, começa uma carreira como barrista Isabel Carona Bento, a qual aprendeu a arte com Sabina Santos. Usou o carimbo: ISABEL BENTO/ARTESANATO/SARILHOS GRANDES – MONTIJO.

Também nesta década de 70 surge a oficina *Irmãos Ginjas*, com os barristas Afonso e Arlindo Ginja, que ao longo da sua produção riscaram na base já cozida dos seus bonecos os nomes próprios e a origem geográfica: ARLINDO/E/AFONSO G./ESTREMOZ. Afonso Ginja em 2011, depois de reformado, uniu-se à sua esposa Matilde e formaram uma oficina própria. Passou também a exibir apenas o seu nome nas Figuras: AFONSO/GINJA /ESTREMOZ. No final dos anos 70, e com uma produção reduzida e por vezes afastada dos modelos tradicionais do Figurado de Estremoz, temos João Fortio. Este experimentou a arte de forma autodidata. Produziu cerca de 10 anos. A sua marca era: FORTIO/ESTREMOZ /PORTUGAL.

Já nos anos 80 começam a trabalhar por conta própria as Irmãos Flores, Fátima Estroia, Quirina Marmelo, Maria Luísa da Conceição, Jorge da Conceição, Célia Freitas/Miguel Gomes e Isabel Catarilhas Pires.

A oficina denominada de *Irmãos Flores* é composta por Maria Inácia Fonseca e Perpétua Sousa, as

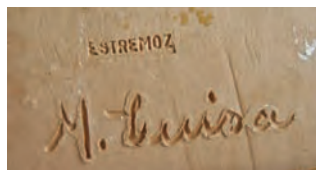
quais apenas se juntam num segundo momento após a primeira ter começado a produzir Bonecos sozinha. Nesse período, os primeiros anos da década de 80, tinha uma marca manuscrita de autor e origem geográfica – *Maria/Inácia/Estremoz*. Quando formaram a oficina *Irmãos Flores*, nessa mesma década, passaram a utilizar como marca de autor a designação dessa mesma oficina com a origem geográfica da produção: *Irmãos Flores/Estremoz/Portugal*. A partir dos anos 90, indistintamente, passaram a usar - *I. Flores/Estremoz*- ou - *Irmãos Flores/Estremoz*. Já no séc. XXI começaram a acrescentar o ano da produção: *I. Flores/Estremoz/2012*.

Quanto à barrista Quirina Marmelo, esta começou a trabalhar sozinha a partir após morte de António Lino de Sousa, em 1982. Conhecemos-lhe apenas uma marca de autor: *Quirina*.

Fátima Estroia iniciou a sua aprendizagem nos anos 60, auxiliando na oficina de Sabina da Conceição Santos, Maria José Cartaxo e Teresa Cid da Conceição. Mas foi na oficina da madrinha Sabina da Conceição Santos, que de facto aprendeu os rudimentos da modelação. Abriu oficina própria nos anos 90 do século passado, onde empregava raparigas para pintarem e fazerem os acabamentos. Desta conhecemos a marca manuscrita: *Fátima/Estroia/Estremoz*. Numa primeira fase, a marca foi associada ao carimbo com indicação de origem geográfica: *ESTREMOZ/ALENTEJO/PORTUGAL*.



ESTREMOZ / ALENTEJO / PORTUGAL / Fátima / Estroia / Estremoz.



ESTREMOZ / M. Luísa.



Jorge da / Conceição Estremoz 2013 / Lisboa Portugal / jdconceicao. / Estremoz / @gmail.com.



Jorge Palmela / 1981 / ESTREMOZ / PORTUGAL.



Miguel / Gomes / Célia Freitas / Estremoz / Portugal.



Jorge da / Conceição Estremoz 2013 / Lisboa Portugal / jdconceicao.estremoz / @gmail.com.



Isabel C. Pires / Estremoz.



Jorge Conceição / Palmela / 1983 / ESTREMOZ / PORTUGAL.

Maria Luísa da Conceição já no final dos anos 80, ainda com a mãe Liberdade viva e a produzir, decide dedicar-se definitivamente aos Bonecos conforme tinha visto o pai e a mãe fazerem¹⁴⁰. O seu marido, nos períodos de maior trabalho, pintava as Figuras confeccionadas por Maria Luísa. Segundo nos informou, marca as suas Figuras utilizando normalmente o carimbo *Estremoz*¹⁴¹ ou por vezes o *Estremoz Portugal*¹⁴², ou já em 2012, o *Estremoz* com o *Made in Portugal*, associando a todos estes o seu nome manuscrito *M. Luísa*. Raramente coloca data, mas quando a utiliza, refere somente o ano. Também esta barrista marca as suas peças no verso da base.

Durante alguns anos (década 80, princípios 90 séc. XX), seu filho Jorge da Conceição Palmela, também modelou Bonecos, com grande qualidade diga-se, os quais assinava com *Jorge Palmela* ou *Jorge Conceição Palmela*, carimbando também com a marca do avô *Estremoz Portugal* e o respetivo ano de produção.

Após aposentação em 2013, Jorge Palmela, agora usando o sobrenome de seu avô materno *Concei-*

ção, voltou à arte. Usa hoje uma marca de produção bastante diferenciada e adaptada ao presente, onde o carimbo é o seu email: *Jorge da/ Conceição 2013 Estremoz/Lisboa Portugal/jdconceicao./Estremoz/@gmail.com*.

Quanto aos barristas Célia Freitas e Miguel Gomes, nos anos 80 do século XX iniciaram um trajeto que os levou a especializarem-se no Figurado de barro. Têm uma marca própria que mantêm ao longo da sua vasta carreira: *Miguel/Gomes/Célia Freitas/Estremoz/Portugal*.

Já a barrista Isabel Catarilha Pires aprendeu em finais dos anos 80, início dos 90, de forma autodidacta e com a ajuda da artesã Quirina Marmelo. Distinguimos duas marcas no seu trabalho: *Isabel C. Pires/Estremoz* e *Isabel Catarrilhas Pires/Estremoz/Ano de Produção*. Esta última é a que utiliza atualmente.

Duarte Catela, por sua vez, começou a trabalhar de forma efetiva já na primeira década do século XXI, amparado por sua bisavó Quirina Marmelo. Tem a ajuda, sempre que necessita, de sua avó Joaquina, quer na modelação, quer na pintura. Também ele decidiu marcar a produção: *Duarte e Doarte*.

Também Ricardo Fonseca, que trabalha na oficina das *Irmãs Flores*, tem a sua marca, que consiste numa identificação de autor de produção, origem geográfica e ano de realização: *Ricardo Fonseca/Estremoz/2014*.

140 [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Maria Luísa Conceição Barrista de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

141 Do mesmo carimbo de Mariano, segundo, como já dissemos, nos informou Maria Luísa.

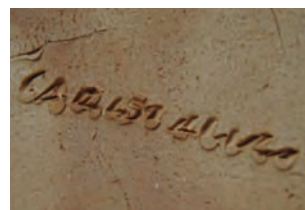
142 Este carimbo foi o que usou o pai e posteriormente a mãe. Não conhecemos qualquer peça com esta marca.



Isabel Catarrilhas Pires / Estremoz / 1993.



Duarte.



CARLOS ALVES.



Isabel Bento / ARTESANATO / SARILHOS GRANDES - MONTIJO.



Doarte.



Ricardo Fonseca / Estremoz / 2014.



Sabina da Conceição Santos: ESTREMOZ.

Por fim, temos o caso do designer gráfico Carlos Alberto Alves, o qual entre 2010/2011, trabalhou a espaços no Figurado inspirado na técnica de Estremoz. Teve oficina em Mafra. Como marca própria exibiu o seu nome em maiúsculas: CARLOS ALVES.

- Tipologias de marcas

Após este levantamento exaustivo que apresentámos, podemos definir as tipologias de marcas, sistematizando-as em grupos e distinguindo-as pelas seguintes categorias:

- Carimbos: Compostas por caracteres com capitulares, são calcados usualmente no verso da base. Habituais nos primeiros autores que marcam a sua produção. É conhecido um carimbo, com uma marca vegetalista tipo hexafólio, semelhante a um marcador de pão; hoje há um de um e-mail;
- Manuscritas: No verso da base, é riscado o nome de autor e normalmente o local de produção. Por vezes alguns associam também o ano;
- Mistas: Para além dos carimbos, os barristas riscam no barro o seu nome.

Nota conclusiva

Através deste vasto conjunto de marcas, podemos retirar as seguintes conclusões:

- os barristas, na sua maioria, associam o topónimo indicativo de origem geográfica *Estremoz*, às suas marcas de autor, dando assim uma informação relevante ao consumidor: a sua ligação a uma tradição multiseccular e a uma tipologia de Figurado específica;
- hoje, como se observa, pela distinção de produção e prestígio do produtor, todos os barristas utilizam uma marca de produtor;
- assistimos à datação da produção, situação que começou a ocorrer em finais do século passado;
- Se num primeiro momento se verifica a primazia da origem geográfica na marcação das Figuras, a partir dos anos 70/80 do século passado verificamos a introdução plena de marcas manuscritas com o nome da oficina ou do artesão. A autoria tem assim uma importância que nunca teve desde as origens da arte.

SOBRE A CANDIDATURA E INSCRIÇÃO DA PRODUÇÃO DE FIGURADO EM BARRO DE ESTREMOZ NA LISTA REPRESENTATIVA DE PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL DA HUMANIDADE - UNESCO

A candidatura

A Câmara Municipal de Estremoz, através do Museu Municipal, iniciou em Outubro de 2012 um processo de promoção, investigação e produção de conhecimento, que teve por objetivo a integração na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade da Produção de Bonecos de Estremoz em Barro.

Foi então formada uma equipa de trabalho composta pela Vereadora do Pelouro da Cultura Márcia Oliveira, o Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara António Serrano e pelo coordenador do Museu Municipal de Estremoz Hugo Guerreiro, sendo que este último ficou como responsável técnico da candidatura.

Como primeiro passo para a conclusão deste objetivo, a 26 de Março de 2014 a Assembleia Municipal de Estremoz, por proposta do Museu Municipal, reconheceu por unanimidade a Produção de Figurado em Barro de Estremoz, como Património Cultural de Interesse Municipal.

A partir deste momento intensificou-se a investigação sobre a atualidade do Figurado de Estremoz, incrementaram-se as exposições temporárias, ações educativas junto de adultos e público escolar e contactos de sensibilização junto dos bairristas. Várias ações de sensibilização tiveram ainda lugar na Feira de Artesanato (incluída na FIAPE)



e na Cozinha dos Ganhões de Estremoz. Diversas mostras e conferências foram também realizadas fora do concelho de Estremoz, de modo a promover a candidatura e o Figurado local. As atividades foram realizadas pelo Museu Municipal.

Neste período foram desenvolvidos contactos ao nível da DGPC-Departamento de Património Cultural Imaterial, que deram início ao processo que visava a inscrição no Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial da Produção de Figurado em Barro de Estremoz. Esta inscrição era condição essencial para que a Comissão Nacional da UNESCO pudesse aceitar a proposta de candidatura de qualquer património à Lista Representativa, ou de Salvaguarda da UNESCO. A 20 de Abril de 2015, no Anúncio n.º 83/2015 da DGPC, concretizou-se a inscrição deste património no Inventário Nacional, segundo publicação na 2ª série do Diário da República de 07 de Maio de 2015. Este processo pode ser visto em www.matrizpci.dgpc.pt.

Nesse mesmo ano, a 26 de Junho, foi fundado no Museu Municipal o Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz, o qual teve por objetivos dar maior visibilidade ao Figurado na esfera UNESCO, mas também criar um espaço onde a sociedade civil pudesse dar o seu contributo para a salvaguarda deste artesanato. Faltava então o passo final, após todo um trabalho de estudo, promoção e criação dos meios ne-



cessários para bom acolhimento da candidatura final. Depois de tratada a componente burocrática e de apresentação de estudos, o Município de Estremoz, tendo por parceiros a Direção Regional da Cultura do Alentejo e o Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz, entrega a 22 de Março de 2016 à Comissão Nacional da UNESCO o processo final de candidatura à inserção na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.

A inscrição

A 07 de Dezembro de 2017 na 12.ª Reunião do Comité Intergovernamental da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) para Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, que decorreu na Ilha Jeju, na Coreia do Sul, a Produção de Figurado em Barro de Estremoz é inscrita na respetiva Lista Representativa. De salientar que todo este processo de candidatura foi desenvolvido recorrendo apenas a recursos técnicos e humanos do Município de Estremoz, em estreita colaboração com a DGPC-Departamento de Património Cultural Imaterial e Grupo de Trabalho da Comissão Nacional da UNESCO, através do Comité para o Património Cultural Imaterial.

O Plano de Salvaguarda e Valorização

O futuro da inscrição na Lista Representativa passa pela implementação no terreno de um Plano de Salvaguarda. Para seu desenvolvimento, foram propostas à UNESCO um conjunto de medidas que visam essencialmente promover o reconhecimento dos artesãos como detentores de um Saber-Fazer inestimável, mas também como o garante do futuro deste património imaterial. Pretende-se igualmente com estas medidas, proteger a produção de desconformidades com a tradição da modelação e estética. Por fim, tem também por grande objetivo criar as condições para que surjam novos barristas que deem continuidade a esta arte multiseccular. Assim, fazem parte do Plano que vai ser colocado em prática nos próximos anos, os seguintes grandes temas:

Medidas Educativas

- Reforço de iniciativas de educação não formal para jovens de Estremoz, com o apoio dos barristas, de modo a criar-lhes o gosto e a apetência pelo Figurado local. É também objetivo desta ação envolver as novas gerações de estremocenses na salvaguarda da tradição, por intermédio do melhor conhecimento do modo como se produz.



Entrega da candidatura à Inscrição na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade, à Comissão Nacional da UNESCO a 22 de Março de 2016.

- Desenvolvimento de atividades extra curriculares nas Escolas Básicas, para que os alunos identifiquem os elementos constituintes da identidade local e tradições (nomeadamente Figurado de Estremoz). Deste modo, pretende-se que os alunos reconheçam e valorizem os artesãos e o seu trabalho. Quer-se também potenciar a descoberta de vocações. A iniciativa terá a participação de Escolas, professores, artesãos, Câmara Municipal de Estremoz e do Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz.

Medidas de Valorização e Salvaguarda

- A Câmara Municipal de Estremoz em colaboração com o Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz e a Direção Regional da Cultura do Alentejo vão trabalhar para a fundação de um Centro Interpretativo dos Bonecos de Estremoz, o qual terá uma forte componente educativa, com workshops de educação não formal e uma incubadora de jovens barristas que queiram iniciar um trabalho nesta área. O objetivo passa por providenciar oficinas, onde os jovens possam evoluir nesta arte, com o apoio dos barristas em atividade e dar início a uma carreira na modelação de figurado. As oficinas serão disponibilizadas por um período de cinco anos.

- Criação da Rota do Boneco de Estremoz através de uma colaboração entre o Museu Municipal de Estremoz, o Posto de Turismo e os barristas com oficina aberta ao público. O objetivo passa pela participação dos artesãos na explicação da sua produção.

- Para assegurar a visibilidade do Boneco de Estremoz e reconhecimento dos seus produtores, vão ser organizadas exposições temporárias no Museu Municipal e em outros museus fora do concelho de Estremoz. Apoio à participação dos barristas em eventos nacionais e internacionais.

- A Câmara Municipal de Estremoz, com o apoio técnico do Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz, bem como do Museu Municipal de Estremoz, vai promover a certificação do Boneco de Estremoz. O objetivo passa por salvaguardar e proteger a produção dos barristas, de eventuais intromissões industriais que deturpem a modelação e a estética tradicionais.

- A Câmara Municipal de Estremoz pretende organizar Jornadas de Património Cultural Imaterial do Alentejo, com temas associados às cerâmicas, olaria e barrística desta região

Medidas para publicação, documentação e investigação

- Produção de um filme em suporte digital acerca das técnicas de modelação e da estética das 90 Figuras que constituem o núcleo base dos Bonecos de Estremoz. O filme sera disponibilizado ao publico no Museu Municipal de Estremoz e no sitio da Câmara Municipal de Estremoz.
- Apoio à investigação com participação dos barristas, do Museu Municipal de Estremoz, centros de investigação, investigadores e Universidades, de modo a assegurar um melhor conhecimento, visibilidade, reconhecimento e valorização do Boneco de Estremoz.
- Produção de uma obra monográfica acerca do Boneco de Estremoz.

Entidades envolvidas no Plano de Salvaguarda e Valorização

- Estão envolvidas em espirito colaborativo neste Plano de Salvaguarda e Valorização a Câmara Municipal de Estremoz, os barristas, o Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz, o Museu Municipal de Estremoz e a Direção Regional de Cultura do Alentejo.

Nota conclusiva

O grosso do trabalho pela valorização e salvaguarda do Boneco de Estremoz, está ainda por fazer. A inscrição na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade é somente o princípio de um processo que vai ser efetivamente de longa duração. Só quando ocorrer o rejuvenescimento dos barristas em atividade, é que a geração atual pode dar por concluído o seu contributo para a preservação da barrística. E este não é um trabalho destinado somente às instituições. Todos os estremocenses e entusiastas do Figurado devem ter um papel ativo na salvaguarda e valorização do modo de produção do Boneco de Estremoz. Só assim se atingirá o grande objetivo de dar continuidade a esta tipologia tão singular de confeção de Figurado.

CONCLUSÃO

A presente obra é o corolário de anos de investigação, conversas com barristas, investigadores, colecionadores e entusiastas do Figurado de Estremoz. Se é inegavelmente um desenvolvimento muito relevante para o conhecimento do que é esta arte, não consideramos contudo que esteja esgotado o tema. Pelo contrário, e como já inclusivamente afirmámos, há pelo menos duas linhas de investigação abertas, que a médio prazo serão fonte de desenvolvimento de conhecimento, nomeadamente

- A investigação das técnicas e matérias-primas que está a decorrer no âmbito da colaboração do Museu Municipal, com o Centro Hércules da Universidade de Évora;

- O estudo da ligação, até há poucos anos insuspeita, do Figurado brasileiro denominado de “*Paulistinhas*” (Vale do Paraíba-Estado de São Paulo) ao Boneco de Estremoz, donde o primeiro veio buscar inspiração estética segundo o Mestre de Cultura Popular Maggela Borbagatto. É muito interessante verificar que há exemplares de Figurado de devoção e Presépios modelados ao modo de Estremoz em museus desta área geográfica, certamente não apenas levados por colonos, militares ou religiosos, mas também por comerciantes. Sendo o número de oficinas produtoras de Figurado na ordem das

dezenas (em 1837 haviam em Estremoz 26 oficinas, pelo que no século XVIII, o século presepista por excelência, muitas mais seriam), acreditamos que o comércio dos Bonecos seria também realizado para o Brasil colonial e não apenas para o território nacional. Será interessante provar-se esta tese e a ligação em termos formais das Paulistinhas ao nosso Figurado.

Aguardamos com elevada expectativa o desenvolvimento destas linhas de investigação, as quais enriquecerão o conhecimento de uma produção que até há 20 anos atrás era parcamente conhecida e repleta de conceitos com escassa fundamentação científica.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

BIBLIOGRAFIA

ABELHO, Azinhal, 1964, “Barros de Estremoz”, Lisboa, Edições Panorama.

ABELHO, Azinhal, 1955, “Memorial dos barros de Estremoz”, in *Mensário da Casa do Povo*, Lisboa, n.º 104, Fevereiro 1955, pp. 8-11.

ABELHO, Azinhal, 1936, *Um Artista-Sá Lemos*, in “Brados do Alentejo”, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 268, 15 de Março de 1936, pp. 5.

BME: “Bonecos antigos de Estremoz para o Museu Municipal”, in *Brados do Alentejo*, n.º 2092, ano XLI, 01 de Agosto de 1971, pp. 2.

CALADO, Rafael Salinas, 2005, “O Figurado Conhecido por Bonecos de Estremoz”, in *Figurado Português de Santos e Diabos está o Mundo Cheio*, Porto, CMM, pp. 155-177.

CHAVES, Luis, 1925, “A genealogia dos Santeiros de Extremós”, in *Os barristas portugueses: nas escolas e no povo*, Coimbra, Impres. da Universidade, pp. 78 e 96.

CHAVES, Luís, 1943, *A Arte Popular – Aspectos do Problema*, Porto, Portucalense Editora.

CHAVES, Luis, 1933, *Arte popular do Alentejo-Etnografia Artística – Os barristas de Estremoz, a oficina e a técnica*, Porto, PO, VI, pp. 187-189.

CHAVES, Luís, 1917, *Arte popular do Alentejo - Os ganchos de meia de barro d'Estremoz*, Porto, in *Separata da Águia*, n.º 67-68.

CHAVES, Luís, MARTHA, Cardoso, “Algumas Opiniões da Imprensa Suíça”, in *Catálogo da Exposição de Arte Popular Portuguesa*, 1936, Lisboa, SNI, sp.

CHAVES, Luis, 1951, “Frisos da nossa gente e da nossa terra”, in *Mensário da Casa do Povo*, n.º 61, Julho 1951, pp. 8.

CHAVES, Luis, 1950, “O Espírito do Natal no Presépio”, in *Mensário da Casa do Povo*, n.º 54, Dezembro 1950.

CHAVES, Luís, 1916, “Os barristas de Estremoz – séculos XVIII-XX - Imagens e Bonecos”, in *Terra Nossa: Mensário de Inquérito à vida alentejana*, Lisboa, Separata, Maio 1916, n.º 1.

DAVID, Celestino, 1945, “A Ti Ana das Peles”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 738, 11 de Março de 1945, pp. 1 e 4.

DAVID, Celestino, 1943, “A Plasticização do Barro de Estremoz”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, n.º 628, 31 de Janeiro de 1943, pp. 14 e 15.

ESPANCA, Túlio, 1975, *Inventário artístico do distrito de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, Vol. 8, pp. 105.

BPE: “Entrevista com o Engenheiro Reis Pereira”, 1962, Évora, in *Jornal de Évora*, 5 de Julho de 1962.

BME: “Exposição dos barristas alentejanos”, 1962, in *Brados do Alentejo*, n.º 1618, 01 de Julho de 1962, pp. 6.

BME: FERNANDES, Luiz, 1931, “A Vida Eterna das Couda Tradição e Arte II”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Typographia dos Brados do Alentejo, n.º 18, 31/5/1931, pp. 1.

GUERREIRO, Hugo, 2011, “Apontamentos sobre Faianças de Estremoz”, in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos, 2ª Série, n.º 4, pp. 68-116.

GUERREIRO, Hugo, 2006, “Appunti sui presepi in Portogallo”, in *XVII Mostra del Presepe*, Grottaglie, Città di Grottaglie, pp. 35-48.

GUERREIRO, Hugo, 2012, “Bonecos de Estremoz Marcas de Autor da Família Alfacinha 1934-2012”, in *Cadernos de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, n.º 3.

MME: GUERREIRO, Hugo 2013, “Legendární keramické betlémy z Estremozu (Portugalsko)”, in *Betlemář*, in *Journal of Society of Czech Friends of Nativities*, sl, n.º 37.

MME: GUERREIRO, Hugo 2012, “Legendary Ceramics of Estremoz Portugal, Focus on the Nativity”, in *Creche Herald*, Philadelphia, vol.16, n.º 3.

GUERREIRO, Hugo, 2009, “Joaquim Vermelho e a sua acção no Figurado de Estremoz”, in *Mãos Revista Semestral de Artes e Ofícios*, Porto, CRAT, pp. 40-43.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca, 1726, *Aquilegio Medicinal*, Lisboa Occidental, Officina da Musica, pp. 208.

BME: “José Maria de Sá Lemos”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 756, 15 de Julho de 1945, pp. 1 e 5.

LUCENA, Armando de, 1947, “Tradições Portuguesas: Os Presépios”, in *Mensário da Casa do Povo*, n.º 7, Janeiro 1947, pp. 11.

“Museu de Estremoz homenageia Júlio Reis Pereira”, 2002, in *Jornal Brados do Alentejo*, n.º 557, 29 de Novembro a 13 de Dezembro de 2002, pp. 16.

MANGUCCI, Celso, sd., *Marcas de Identidade: Roteiro da Exposição Permanente Celeiro Comum-Centro de Artes Tradicionais*, Évora, Região de Turismo de Évora, pp. 41-44. BME: MARTINS, Constantino, *A Ana das Peles e os Bonecos de Estremoz*. in “Brados do Alentejo”, n.º 315, Estremoz, 31/1/1937, pp. 5.

BME: MOREIRA, Maria Conceição, 1978, *Breve notícia sobre a arte barrista de Estremoz*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques Reservas e Património Paisagístico.

QUEIRÓS, José, 1948, *Cerâmica portuguesa*, Lisboa, sn, 2ª edição, 1vol., pp. 314.

RÉGIO, José, 1964, “Barros Populares do Alentejo”, in *O Primeiro de Janeiro*, 1 de Janeiro de 1964.

PARVAUX, Solange 1968, *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 164-170.

PERDIGÃO, Teresa, 2003, *Tesouros do Artesanato Português: Olaria e cerâmica*, Lisboa, Verbo, n.º 3, pp. 142-157.

PESSANHA, D. Sebastião, 1916, “Bonecos de Estremoz” in *Revista Terra Portuguesa - Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, Lisboa, 1ª Série, Ano 1, n.º 4, pp. 105-109.

BME: SANTA MARIA, Frei Agostinho, 1718, Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de N. Senhora, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Pedrozo Galram, vol.6, p. 146.

BME: [VERMELHO, Joaquim], 1975, “Actividade Cultural da Comissão Administrativa do Município, Próxima exposição da colecção de bonecos de Estremoz”, in *Jornal Brados do Alentejo*, n.º 2277, ano XLV, 16 de Fevereiro de 1975, pp. 1 e 5.

VERMELHO, Joaquim, 1990, *Barros de Estremoz*, sl, Limiar.

VERMELHO, Joaquim, 2010, “O Figurado de Estremoz” in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos, 2ª Série, n.º 4, pág. pp. 56-66.

VERMELHO, Joaquim, 2000, “Olaria e Barrística de Estremoz” in *Artesanato da Região do Alentejo*, Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, pág. pp. 105-107, 114-125, 149-152.

VERMELHO, Joaquim, 2001, “O Culto no Figurado de Estremoz”, in *CULTUS. O Mistério e o Maravilhoso nos Artefactos Portugueses*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade – Instituto de Emprego e Formação Profissional, pp. 25-29.

VERMELHO, Joaquim, 2005, *Sobre as cerâmicas de Estremoz*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Estremoz.

VERMELHO, Joaquim, 1998, “Mobilidade e Influências nos bonecos de Estremoz” in *Conversas à volta da Olaria*, Montemor-o-Novo, Oficinas do Convento: Associação Cultural de Arte e Comunicação, pp. 69-71.

BPE: “Uma exposição genuinamente portuguesa no Palácio D. Manuel”, 1962, Évora, in *Jornal A Defesa*, n.º 2035, 30 de Junho de 1962, pp. 1, 4 e 10.

FONTES ESCRITAS

AHE: “Ata da sessão de 14 de Agosto de 1773”, fls 20v e 21.

AHE: “Ata da sessão de 5 junho de 1941”, fls. 57v e 58.

AHE: “Ata da sessão de 3 Julho de 1941”, fl. 61v.

AHE: “Ata da sessão de 27 de Novembro de 2002”.

AHE: “Ata de Vereação de 10 de Novembro de 1770”, fl 86.

BME: BORRALHO, Álvaro António Gancho, 1993, *As Artes do Barro. Contribuição para o estudo dos Bonecos de Estremoz*, Dissertação de Tese de Licenciatura em Sociologia vertente de Sociologia da Cultura. ISCTE, Lisboa. [fotocópia]

“Colecção online: Estremoz”, website Museu de Olaria, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://museuolaria.cm-barcelos.pt>.

“Escritura de compra e venda entre a Câmara Municipal de Estremoz e Engenheiro Júlio Maria dos Reis Pereira e esposa Dona Maria Augusta da Silva Ventura Reis Pereira”, 23 de Julho de 1971, in *Livro de Escrituras Diversas da Câmara Municipal de Estremoz*, 24 de Fevereiro de 1970 a 08 de Fevereiro de 1975, n.º 42, pp. 20-21v.

“Folheto da Exposição Bonecos de Estremoz Colecção de Júlio Maria dos Reis Pereira da Câmara Municipal de Estremoz”, 2008, Beja, Museu Regional de Beja.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Barrística de Célia Freitas e Miguel Gomes*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2011, *Estremoz e os seus Bonecos: figurado em cerâmica de Duarte Catela*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: GUERREIRO, Hugo, 2002, *Homenagem a Júlio Maria dos Reis Pereira*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Irmãs Flores: Barrística e Faiança de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Barrística de Isabel Pires*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2006, *Colecção Sabina Santos Bonecos de uma vida*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

GUERREIRO, Hugo, 2012, “Breve alusão à mulher no figurado de Estremoz”, in *Os meus “bonecos”*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, sp.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Maria Luísa Conceição Barrística de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Mário Lagartinho Olaria de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Quirina Marmelo: Barística de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz.

GUERREIRO, Hugo, BORDA D'ÁGUA, Isabel, 2013, *Uma década de incorporações no Museu Municipal de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, sp.

Hernâni Matos, "14 – Armando, bonequeiro de Estremoz", *Blogue "Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 10 de Dezembro de 2014, consultado no dia 01 de Fevereiro de 2018. URL: <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>.

Hernâni Matos, "Aclénia Pereira Bonequeira de Estremoz", *Blogue "Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 06 de Novembro de 2012, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>.

Hernâni Matos, "Nova Marca de Olaria de Estremoz", *Blogue "Do Tempo da Outra Senhora*, 2012, posto online no dia 21 de Fevereiro de 2013, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>.

MME: Inventário do Museu Rural de Estremoz, sd.

João Leal, « Da arte popular às culturas populares híbridas », *Etnográfica* [Online], vol. 13 (2) | 2009, posto online no dia 17 Janeiro 2012, consultado no dia 05 Janeiro 2014. URL : <http://etnografica.revues.org/1318> ; DOI : 10.4000/etnografica.1318

BME: in LIMA, Henrique de Campos Ferreira 1943, "Horrosa Mortandade", in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Typographia dos Brados do Alentejo, n.º 628, 31 de Janeiro de 1943, pp. 7.

MME: Livro de Inventário do Museu Municipal de Estremoz, 1929-1965(?), fol. 10v-12.

AHE: Livro das Taxas dos Ofícios [de Estremoz], 1675-1732.

AHE: Livro de registo de Leis e Ordens, 1772 – 1835, fol. 232-233.

AHE: Livro de Registo de Ordens e Provisões da CME, 1764-1771, n.º 3, fol. 178 e 178v.

AHE: Livro de Registo de Passaportes, 17 de Junho de 1774 a 23 de Janeiro de 1805, fólho, 11v, 99 e 116v.

ADE: "Mapa das Fábricas e Oficinas dos concelhos", in *Fundo do Governo Civil de Évora*, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, 1837, Pasta 216.

ADE: "Mapa das Machinas a Vapor", in *Fundo do Governo Civil de Évora*, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, 1887 Pasta 216.

BME: MATEUS, Ana Maria Baptista Costa, 2008, *Bonecos de Estremoz objectos de identidade patrimonial*, Dissertação de Tese de Mestrado em Design de Teoria da Cultura Visual, Instituto de Artes Visuais Design e Marketing, Lisboa.

MATOS, Hernâni, 2013, *José Maria de Sá Lemos e o esforço de revitalização dos bonecos de Estremoz*, Edição do autor, Estremoz, sp.

MATOS, Hernâni, 2010, *Presépio de Trono ou de Altar*, Folheto Edição do autor, Estremoz.

MATOS, Hernâni, 2013, *Terrina de Estremoz*, Folheto Edição do autor, Estremoz.

"Pesquisa Simples: Bonecos de Estremoz", website Matriz Net, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://www.matriznet.dgpc.pt>

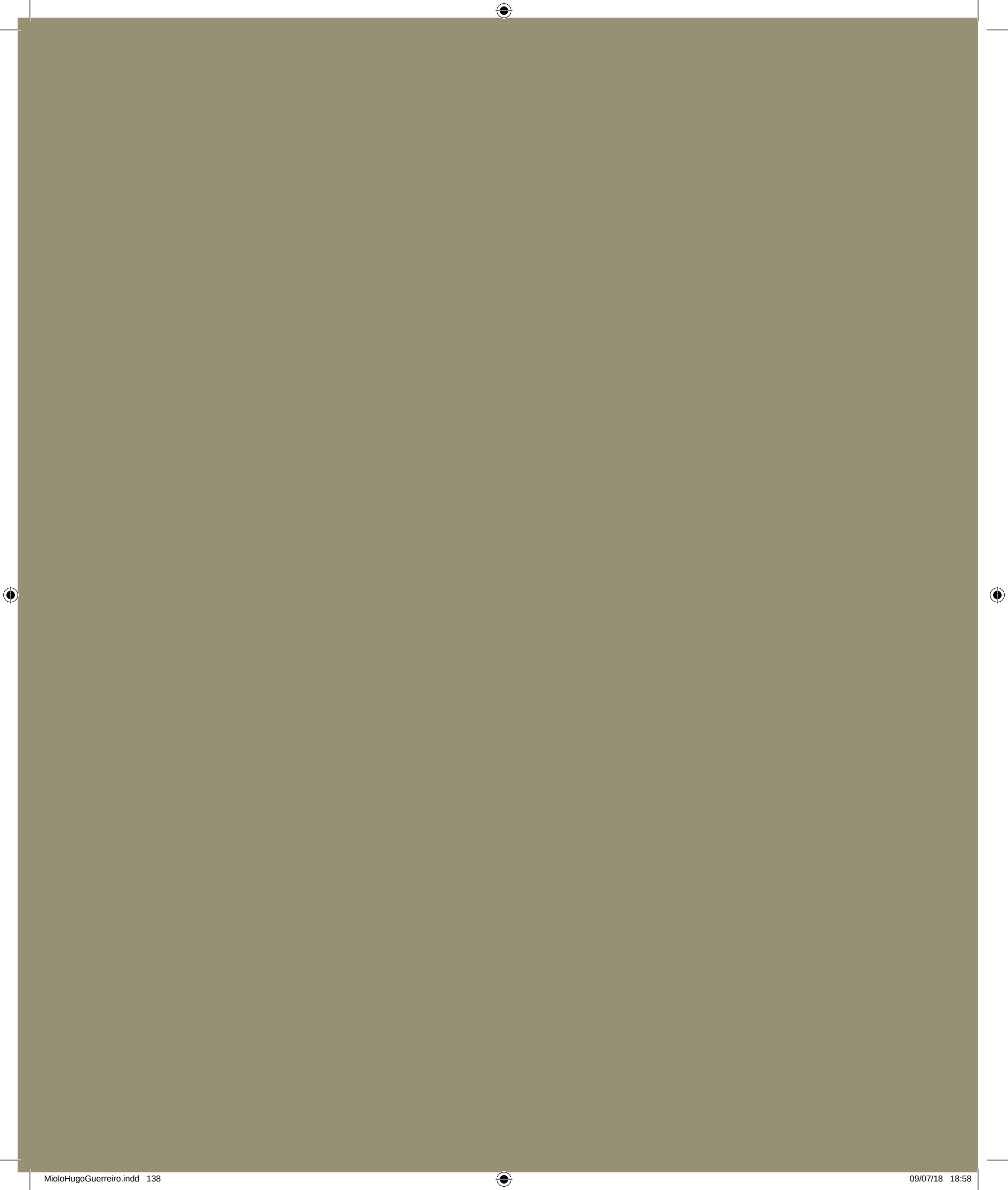
ADE: "Relação das Fabricas e Oficinas com que foram preenchidos os Mappas remetidos ao Ministro do Reino com officio n.º 459 de 15 de Dezembro de 1845, e pelo mesmo Ministerio exigidos em Portaria circular de 25 d' Outubro ultimo, n.º 871 do Livro 47", in *Fundo do Governo Civil de Évora*, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, Pasta 218.

BME: Relatório da Exposição Barristas do Alentejo realizada de 24 de Junho a 15 de Julho de 1962 no Palácio de D. Manuel em Évora, Évora, Grupo Pró-Évora, 1962.

MME: [VERMELHO, Joaquim], 1982, [Folheto] *Barristas de Estremoz Sabina Santos*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, sp.

MME: [VERMELHO, Joaquim], 1981, [Folheto] *Barristas de Estremoz Mariano da Conceição sua mulher e filha*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, sp.

MME: [VERMELHO, Joaquim], 1984, [Folheto] *Os Santos Populares na tradição Barrística de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, sp.



Resumo

Impunha-se desde há vários anos uma nova obra sobre o Boneco de Estremoz. Depois da publicação do livro *Barros de Estremoz* por Joaquim Vermelho em 1990, um livro de assinalável sucesso na divulgação das artes do barro desta cidade, uma série de investigações trouxeram à luz um conjunto bastante relevante de novos dados, que permitem uma olhar mais esclarecido e fundamentado sobre o Figurado de Estremoz.

O trabalho que agora apresentamos ao leitor, pretende fazer uma compilação da investigação já efetuada, mas também dar uma nova perspectiva sobre esta arte tão popular e agora *Património Cultural Imaterial da Humanidade*, de modo a que curiosos, colecionadores e estudiosos aqui encontrem uma informação satisfatória para as questões que procurem responder.



Sobre o autor

Hugo Alexandre Nunes Guerreiro vive em São Lourenço de Mamporcão, aldeia do concelho de Estremoz. Nasceu em Évora, a 11 de Fevereiro de 1975. Concluiu a licenciatura em História ramo Património Cultural na Universidade de Évora em 1997. Frequentou o I Mestrado em Museologia na mesma Universidade em 2001.

Desde 1998 que é colaborador na Câmara Municipal de Estremoz, ingressando nos quadros desta autarquia em Agosto de 2002. Em Outubro desse ano assume a direção técnica do Museu Municipal de Estremoz.

Responsável técnico da classificação como Imóvel de Interesse Público do Palácio dos Henriques/Tocha (Estremoz) e Igreja de São Pedro (Evoramonte).

Tem mais de duas dezenas de artigos publicados sobre história, museologia e património cultural imaterial e sensivelmente o mesmo número de conferências. Especial enfoque no Figurado de Estremoz, sobre o qual tem desenvolvido trabalho de investigação, apresentação, valorização e salvaguarda no âmbito do Museu Municipal de Estremoz. Fundador do *Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz* (2015), do qual é o diretor.

Responsável técnico da candidatura da *Produção de Figurado em Barro de Estremoz* à inscrição na *Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade*, a qual terminou com sucesso a 07 de Dezembro de 2017.

Responsável técnico pelo projeto de reinstalação do Museu Rural de Estremoz (2007 e 2017), das Reservas Museológicas da Alfaia Agrícola (2013) e da renovação museográfica do Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho (2015).

Colaborador da *Revista Alentejo* a partir de 2008 e do jornal *A Defesa* desde 2015. Ordenado diácono permanente a 26 de Setembro de 2017.

FIGURADO DE ESTREMOZ

Produção Património Imaterial da Humanidade

Edições
Afrontamento



Prefácio: Presidente C. M. Estremoz

Texto: Hugo Guerreiro

Revisão: ???????

Design Gráfico: Armando Alves

Fotografias: Guilherme Carmelo

Pré-Impressão: A. Alves - Arte e Edições, Lda.

Impressão e Acabamento: Raínho e Neves, Lda.

Depósito Legal: ????????

ISBN: ??????????????????

Estremoz, Setembro de 2018



Apoio Câmara Municipal de Estremoz

